

O DESAGUAR DO RIO: LEITURA DOS TRÊS ÚLTIMOS VOLUMES DO DIÁRIO DE MIGUEL TORGA

Linhares Filho

APRESENTAÇÃO

Os volumes XIV, XV e XVI do *Diário* de Miguel Torga serão o fim de uma longa jornada empreendida e já vaticinada no volume XIII desse *Diário*: “Atravesso a vida sem lhe dar tréguas, implacável nas palavras e nos sentimentos”. (p. 128) Trata-se do rio que finalmente deságua em seu último destino, que inexoravelmente segue seu curso, não sem luta, mas com afrontamentos, que se podem constatar nos últimos legados do poeta. Se nos lembrarmos do poema “Orfeu Rebelde”, no livro homônimo, podemos relacionar a imagem do “bicho instintivo que adivinha a morte / No corpo de um poeta que a recusa” com a tônica recorrente nesses últimos volumes do *Diário*: as inquietações com a proximidade da morte.

A iminência da morte certa torna o autor consciente de que a poesia será sua única forma de eternizar-se como poeta que “recusa a morte”. A poesia que, sem se deter, segue o curso do rio que atinge a eternidade. E o poeta focaliza a quadra que ultimamente vive no poema “Requiem por mim”, (*Dr-XVI*, p. 201) que será estudado adiante.

Adotaremos a mesma metodologia utilizada no nosso trabalho *O Poético como humanização em Miguel Torga*.¹ Elegeremos o intrínseco literário e, neste, o método hermenêutico em sentido amplo (a interpretação irrestrita) e, em sentido restrito, a leitura existencial-ontológica, aliado esse método ao estilístico-retórico e ao comparativista (intertextualidade e autotextualidade).

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

O volume XIV do *Diário* de Miguel Torga traz quarenta e nove poemas com vinte e cinco textos destacados por apresentarem um me-

lhor desempenho artístico pela criatividade conotativa em função da interpretação do humano. Para tal seleção seguimos os mesmos critérios adotados na escolha dos poemas dos treze primeiros volumes do *Diário* e que foram estudados no nosso livro *O Poético como Humanização em Miguel Torga*. As composições destacadas e insertas no vol. XIV são as seguintes: “Meta”, “Algarve”, “Pânico”, “Ressonância”, “Cilício”, “Sina”, “Maldição”, “Resguardo”, “Arte Poética”, “Crónica”, “Mar Matinal”, “Sintonia”, “Identificação”, “Recato”, “D. Dinis”, “Maceiração”, “Exercício Espiritual”, “Nocturno”, “Oceano”, “Dispersão”, “Natal”, “Esperança”, “Pudor”, “Miradoiro”, “Estuário”.

“Meta” (*Dr.XIV*, p. 9) exprime o objetivo poético do autor. Trata-se de um metapoema, em que Miguel Torga exprime o anseio por condensar num verso definitivo toda a poesia do humano, o que vale dizer: o Poético como humanização segundo a concepção que apresentamos em nosso ensaio torguiano. A insatisfação contínua da perfeição apontando para o eterno projeto do Ser está na frase: “Falta-me ainda um verso.” E várias das características do poeta aparecem em forma de adjetivo: a rebeldia, o lirismo, a sinceridade, esta como herança *presencista*, a precisão. Além disso tudo, em forma substantiva, a “magia”, que pode entender-se como uma espécie de realismo mágico, ingrediente próprio da poesia que fascina, e a “verdade”, naturalmente no sentido em que a concebeu Heidegger, ao escrever que a “arte é pôr na obra a verdade”, sem que se descarte o “autêntico real absoluto”, de Novalis, segundo quem “quanto mais poético, mais verdadeiro”. A renovação eterna do humano é, afinal, o que o poeta almeja cristalizado no verso que lhe falta: “Seja a eterna alvorada/ Da minha humanidade.”

“Algarve” (*Ibidem*, p. 17) constrói-se pictoricamente com elipses verbais, descrevendo o poeta, como em pinceladas, uma paisagem e traduzindo, com emoção algo interjectiva, sentimentos patrióticos de um maravilhado com o que vê: “E a paz feliz de que tenho o que é meu. / Ah, terra bem amada!” Só há três verbos em todo o poema de curtos vinte versos e, entre as elipses, encontram-se metáforas sensoriais e conceituais.

Sendo a morte visualizada próxima pelo poeta, ela constitui o motivo de vários poemas dos três últimos volumes do *Diário* de Torga. Assim, “Pânico” (*Ibidem*, p. 21), que representa um *Leitmotiv* do autor,

é um metapoema que constata a mudez poética, porque “Nestas horas sem versos”,/É o silêncio da morte que adivinho.” O pânico reflete-se no poema “Ressonância”, (Ibidem, p. 25) pois, se com palavras o silêncio é desfeito, inclui-se o desespero na situação de quem fica a ouvir a “solfa ensandecida”. A interrogação com que o poema termina, possui uma funcionalidade estética, que salienta a ambivalência das proposições: “Serão versos que canto sem medida, /Ou ergo apenas a voz / No túmulo da vida?”

“Cilício”, (Ibidem, p. 29) título que constitui outro *Leitmotiv* do autor, traz uma tensão lírica entre sadismo e masoquismo, pois é certo que os extremos se tocam: “Os versos desfalecem ao nascer. /Mas há não sei que sádico prazer, /Que informal sedução, /Numa melancolia assim desamparada.”

Todo o desafio à morte arrimado à inconformação de morrer encontra-se focalizado em “Sina” (*Dr-XIV*, p.43) desde o paradoxo “penitente /Impenitente”. Está no poema, por conta da inconformação, a referência à “teimosia” sisífica e à “Rebeldia” costumeira. E a conclusão irônica, justificadora do título e baseada na consciência do Ser-para-a-morte, é a de que “o destino é morrer /No fim do desafio...”

“Maldição”, (Ibidem, p.49) nome que se repete nos poemas “Crônica” (Ibidem, p.101) e “Imprecação”, (Ibidem, p.108) é um denso poema que traz um sabor de *miserere*, só que “Do fundo do abismo onde caí”, “nenhum céu vislumbro lá no alto”. O desespero insere-se implicitamente na consideração em que o poeta sugere ser um vivo morto: “A saber /Que não terei mais luz na prévia sepultura.” O poema, de tom elegíaco, ilustra-se com metáforas, metonímias, interjeições, exclamações, elipses. O remate exprime, com metáfora sensorial e metonímia, a recusa do sofrimento por parte do poeta: “Estas horas vestidas /Dum luto que as renega!”

Concebe o autor em “Arte Poética” (Ibidem, p.78) que o poetar é um ato lúdico, espontâneo e uma aventura. E insinua que o resultado provém de um exercício de palavra-puxa-palavra: “A regra é caminhar /E chegar sem saber. /De tal modo é cruzada /A encruzilhada/ Onde o milagre pode acontecer.” Também está previsto o prazer ilusório do ganho lúdico no ato poético: “E ganho quando sinto a salvação /No próprio gosto de me ir iludindo.”

“Resguardo” (Ibidem, p.64) constitui uma defesa ilusória do poeta, pois o *trans-modelo* do seu *entre-texto* pode ser: Anseio da transfiguração poética da desilusão amorosa na velhice.

Na “Crónica” (Ibidem, p.101) que o autor escreve, considera o ato originário do seu nascimento mais um preito de seus pais à natureza, alude ao vislumbre que teve a mãe do destino poético do filho, sugere que o exprimir a dor é próprio de poetas e encara o poetar como “a maldição /Da própria vida”. Esta última idéia dialoga com outra, encontrada na obra torguiana, de que o poetar é um privilégio.

“Sintonia” (Ibidem, p.121) descreve, numa primeira estrofe, com o recurso da prosopopéia, a natureza no outono. Numa outra estrofe, usando algumas conotações, identifica-se com a natureza outonal.

Um grande espécime de poema ontológico é “Identificação” (Ibidem, p.127) A origem terrena do poeta prendendo-o ao chão e assumida por ele configura a atitude telúrica de Miguel Torga. Semelhando sugestivamente uma árvore, busca-se adentrando a terra: “É debaixo do chão que me procuro.” Pergunta: “Que fundura atingiu cada raiz?” E conclui que nada do que fez tem sentido, se abstraiu o lodo de que é feito.

A dor da condição humana está nos versos de “Maceração”, (Ibidem, p.141) em que se lê: “Breves dias da vida./ Aprendi neles apenas a morrer.” A cada poema verifica-se o trajeto agônico do poeta que não se quer conformar com a morte. Este o possível trans-modelo do *entre-texto* dessa composição: Busca do sentido da vida ante a angústia da previsão da morte.

Como em “Extrema Unção”, de Câmara Ardente, (CA, p.80-81) “Exercício Espiritual” (*Dr-XIV*, p. 148) é uma preparação para enfrentar as “Horas finais da vida”, portanto versa sobre o desejo de ter a unção da Poesia nas horas da perspectiva do fim como as que vive.

Vários signos do poema “Dispersão” (*Dr-XIV*, p.173) justificam o título: “Perco-me”; “Deambulo”; “alheado”; “Não tenha direção”; “ondulação”; “canto, sem cantar”; “incertos”; “incerteza”. Trata-se de *sememas* que constroem o *sema* da fragmentação, indicador de angústia ou indiferença, tudo contribuindo para a compreensão da fase agônica da vida do poeta, em que a luta contra a morte é a grande tônica.

“Natal”, (Ibidem, p.178) escrito a 25 de dezembro de 1985, parece transmitir um ar de convertido.

No poema “Esperança”, (Ibidem, p.181) em que esta é personificada, mostra-se a traição dela, portanto o poema torna-se a expressão do desespero.

O que se diz em “Miradoiro” (Ibidem, p.196) parece transcender o lugar e o momento visualizados. Sobretudo os últimos versos podem referir-se à situação trágica do poeta em despedida: “E o lírico poema que me acontecer /Virá toldado de melancolia, /Porque daqui a pouco toda a poesia /Vai anoitecer.”

“Estuário”(Ibidem, p. 203) vale por uma bela alegoria. Representa a trajetória da voz do poeta, o cansaço e o repouso dessa voz. Importa intratextualizá-lo com “Extrema União”, de *Câmara Ardente*, e “Requiem por mim” (*Dr-XVI*, p.201). Trata-se de um poema de ren-dição, de profunda consciência do Ser-para-a-morte.

O volume XV do *Diário* de Miguel Torga contém trinta e cinco poemas, dos quais destacamos dezoito de acordo com o nosso critério de seleção: melhor desempenho artístico pela criatividade conotativa em função da interpretação do humano. Eis os títulos dos poemas selecionados: “Ícaro”, “Aleluia”, “Repto”, “Na Gruta de Camões”, “Comunhão”, “Identificação”, “Inspeção”, “Resumo”, “Espólio”, “Legado”, “Preservação”, “Enigma”, “Oferenda”, “Queixa”, “À Noite”, “A Esfinge”, “Frustração”, “Esperança”.

A situação de desiludido diante da morte esperada próxima é o que se constata em “Ícaro”, (*Dr-XV*, p. 9) mito a que se alude em face da frustração conseqüente ao anseio: “Minhas asas humanas de poeta! / Derreteu-as o sol da lucidez.” Esta imagem responde pelo despertar da “cegueira” da aventura. É “Ao rés-do-chão da vida” que o poeta passa a cantar. E já se vê que se trata de um metapoema, em que a desilusão se envolve com o ato de poetar: “E o canto é triste assim desiludido. / Falta-lhe a perspectiva e o sentido / Que tinha quando eu tinha as ilusões.” Conclui-se, por esses versos, que o desengano vital determina o da poesia.

“Aleluia” (Ibidem, p.15) figura como réplica à ressurreição de Cristo. A renovação primaveril é que constitui a aleluia. Também o interesse social ou mesmo de solidariedade humana é o que se estampa nestes versos, que visualizam o Cristo no homem comum e até o mais infame: “E o Cristo vivo, em que se transfigura / A mais vil criatura

/ Que atravessa a praça, / É como que uma graça / A mais da primavera.” Cabe, pela semelhança de atitude do poeta, autotextualizar o presente poema com “Aleluia”, de *Libertação*, (Lb, p.66) estudado por nós no livro *O Poético como Humanização em Miguel Torga*.²

O poeta sente-se, no desafio da viagem ao Extremo Oriente, identificado com o espírito de aventura do seu povo, eis o sentido essencial de “Repto”. (*Dr-XV*, p. 18) A consciência do fim está aqui: “Tenho o prazo/Acabado, / O que vier é ganho.” E conceitua o autor, avaliando a sua grandeza: “Na lonjura / Da última aventura / É que a alma revela o seu tamanho.” Lê-se, ainda, a definição do “verdadeiro português”, o que, “precedendo-o, aprendeu na perdição”: “Quem, um dia, a negar a humana pequenez, / Se inventa e se procura / Nas brumas do mar largo e da loucura.” Nas imagens do último verso, o enigmático dos descobrimentos e o estado do que é audácia para o progresso, o que mereceu o elogio de Erasmo de Roterdam. O espírito de aventura dos portugueses também se focaliza na peça “Errância”, (*Ibidem*, p. 21) a que se contrapõe o sentido do poema “Pesadelo”. (*Ibidem*, p. 109)

O paradoxal da personalidade do autor de *Os Lusíadas* aponta nele o mistério de “primeiro / Encoberto / Da nação”, eis o que se propõe no poema “Na Gruta de Camões”. (*Ibidem*, p. 39)

“Comunhão” (*Ibidem*, p. 61) traz a declaração da inquietude nata do poeta: “Não paro, nem sossego. / Nasci assim, aflito. / Morro e ressuscito / Em cada hora.” O poema destila uma impaciência, uma obstinação sisífrica de que sobressai o desespero, cujo clamor quer, por necessidade, “ser ouvido e ser compartilhado”.

“Identificação”, (*Ibidem*, p. 67) escrito em São Martinho de Anta, refere-se a esta terra. Ontológico, apresenta, como outros poemas, a identidade telúrica do poeta, que, através de metáforas, comunga com o modo de ser da terra, mais que isso, sente integrá-la e ser integrado por ela: “Desta terra sou feito. / Fragas são os meus ossos, / Húmus a minha carne. / Tenho rugas na alma / E correm-me nas veias / Rios impetuosos.”

A versatilidade do corpo investigado é o tema de “Inspeção”. (*Ibidem*, p. 72) Antinomias e paradoxos permitem essa leitura. As palavras “versátil”, “dilema” e “incerteza” apontam para a variedade, a dicotomia, a ambigüidade que o corpo oferece, de que resulta a “ri-

queza” (veja-se o oxímoro “pobre riqueza”) e o acúmulo paradoxal de gosto e desgosto que o mesmo corpo traz. O poema é enriquecido por várias metáforas.

“Resumo” (Ibidem, p. 77) é uma síntese existencial-ontológica, poema de identidade como tantos outros. Com uma “paz cansada”, o poeta mostra autenticidade na identificação, o que não afasta, respectivamente, o paradoxal, o metafórico e o hiperbólico: “Impuro, a oficiar aras da pureza, / Sonâmbulo, a tactear a natureza, / E agonizante já desde menino.” E isso tudo constitui uma forma de ser “fiel / Ao seu destino”.

Autotextualizam-se “Espólio” (Ibidem, p. 88) e “Legado”, (Dr-XV, p. 97) ambos referindo-se à comunicação amorosa através da palavra. O primeiro focaliza a herança negativa, desencantada, em que a comunicação amorosa se desdoura pela desilusão. O outro se apresenta como poema cheio de desengano, a recordar o tempo saudoso de horas eternas no amor. Concebe aí o poeta que o silêncio repetirá para a amada as palavras dos belos dias que a iminência do anoitecer não deixa que ele repita: “Já não digo a palavra que te prometi. / Não há mais tempo, vai anoitecer. / Ouve-a, pois, no silêncio que te deixo / Como herança.” Impõe-se um relacionamento autotextual com “Testamento”, (Dr-IV, p. 46-49) em que o legado poético se faz através das “folhas de espuma e de granito”, e o herdeiro será o leitor.

“Preservação” (Dr-XV, p. 102) constitui, até certo ponto, a forma em versos, de declarações do que escrevera o poeta havia quatro dias atrás, a 26 de março de 1988, estando em visita a S. Martinho de Anta: “Planto dália, podo e estrumo o jardim. Sonho o futuro florido, em vez de me ensimesmar no presente lúgubre, tetanizado num desespero estéril. Sei que só ele parece curial em certas ocasiões, mas quero chegar ao fim conciliado comigo e com a natureza, poeta, de cara levantada, sem me render, como sempre vivi.” (Ibidem, p. 100) O poema em foco insere-se na compreensão de “poesia como espelho”.³ Leiamo-lo:

*Fiéis, as minhas flores,
Azáleas, rododendros, pionias,
Quiseram que estes dias
De treva e de paixão
Fossem alegres como a natureza.*

*De maneira discreta,
Abriram na tristeza
Do meu coração
Com tal beleza,
Que a pura gratidão
Manda o poeta
Preservá-las assim,
Festivas
E votivas,
Num mais perene e mágico jardim.*

O sentido *entre-textual* do poema pode estruturar-se nesta proposta de *trans-modelo*⁴: A preservação das flores no íntimo do poeta como gratidão à oferta da alegria das do jardim na tristeza dos dias. Identifica-se prosopopéia na concepção dos cinco primeiros versos, em que se pinta uma natureza em contraste com a “treva” e a “paixão” de uma sugerida Semana Santa. Após a metáfora “Abriram”, registram-se as metonímias “na tristeza do meu coração” e “a pura gratidão / Manda o poeta / Preservá-las”. O predicativo e a circunstância adverbial dos últimos versos, estruturados metaforicamente, constroem uma transcendência catártica, expressa numa subjetividade metafísica, coroando o poema, todo decorrido com poeticidade conotativa.

O poema intitulado “Amor” (Ibidem, p. 116) refere-se a um desencontro diante da pressa da vida e ante um amor esquecido, que só enche o sonho na noite.

“Enigma” (Ibidem, p. 119) é uma peça profunda. Lírico-amorosa e metapoemática. Trata do desejo de que o relacionamento com a amada se oculte na supra-realidade poética. Defende-se aí que a sinceridade do relacionamento humano deve ser preservado como um segredo que fundamenta a irrealidade aparente da poesia, que, em sua profundidade recriada pela intuição, é de uma realidade absoluta. A amada é tomada como “imagem do mundo”, “Musa irreal, / Mulher incerta da minha certeza, / Bela como a beleza.”

Eis o *trans-modelo* do *entre-texto* de “Oferenda”(Ibidem, p.122): Oposta às imperfeições humanas do poeta, a poesia, presente digno ofertado à amada. Encontra-se nos dois primeiros versos uma possível

palinódia em relação aos dois primeiros versos de “Legado” (Ibidem, p. 97): “Cumpro o que prometi: / Dou-te o melhor que tenho, versos.” Escrevera Torga no outro poema: “Já não digo a palavra que te prometi. / Não há mais tempo, vai anoitecer.”

Depois dos dois versos iniciais de “Oferenda”, seguem-se confissões de um fracassado, constituindo a matéria de um segundo movimento do poema:

*Não queiras mais. O resto
É o rastro reles da minha humanidade.
As doenças do corpo,
As misérias da alma
E o medo da morte,
Sujas negruras de que me envergonho.*

Nessa relação de imperfeições humanas apresentada pelo poeta há um sentimento que difere do ânimo exortativo de “Extrema União”, (CA, p. 80-81) em que se lê: “Não tenhas medo, coração aflito!” E, em outras manifestações em prosa e verso dos três últimos volumes do *Diário*, ocorre a alternância entre a coragem do afrontamento da morte e o desânimo diante dela. Um exemplo do primeiro caso em prosa acha-se no denodo e na pertinácia sisífica do que se registra a 26 de março de 1988. (Cf. *Dr-XV*, p. 99-100)

O terceiro movimento do texto opõe às “negruras” o “sol radioso / Da poesia”. E dos instantes de elevação poética é que decorre a “oferenda” propriamente dita, formando o quarto movimento, em que, por entre metáforas, diviniza-se a amada, em cujo “altar” se depõem os “instantes” de poesia e de quem o poeta espera a salvação.

Entre o rol de momentos e situações decepcionantes do *Diário XV*, conta-se o poemeto “Queixa”, (Ibidem, p. 129) em que se verifica a frustração pela falta de realização completa diante da aproximação da morte. Após o patético de uma apóstrofe metonímica – “Vida!”, após atitudes interrogativas e questionadoras, ocorre a declaração fundamentadora da queixa – “Mas vou triste / Do mundo”- e o ápice do texto de valor metafórico, formando-se uma imagística inspirada na condição de antigo cavador, filho de cavadores: “Cavei, / Cavei, / E abri um poço sem chegar ao fundo.”

A frustração a que nos referimos articula-se com o que se registra em página de prosa: “Da consciência que tenho do pouco que consegui nesses três desígnios dá conta a insatisfação que me tortura.” (Ibidem, p. 173) E esses desígnios estão apresentados em linhas anteriores: “Queria ser no mundo, como em letra redonda o declarei, um homem, um artista e um revolucionário.” (Ibidem)

Vale a pena o leitor conferir a explicação que o escritor oferece, através de epânodos, da perfeição ideal das três metas que sua exigente autocritica considera não atingidas a contento, deixando-o decepcionado: “Um homem simples e prestável que não envergonhasse a espécie, um artista escravo da vocação, e um revolucionário que, com a arma da caneta e a firmeza do procedimento, contribuisse de algum modo para a subversão da ordem vigente e a edificação de uma sociedade melhor.” (Ibidem)

No poema “À Noite”, (Ibidem, p. 157) o poeta usa para com ela uma apóstrofe metafórica, “Musa cega”, concebe que ao colo desta o onírico é acalentado pelo inconsciente, e sugere que é transitória “a glória / Dos poetas “nesse regaço”: “Dura o que dura o sonho, / O transe inconsciente.” O clima surreal do sonho na noite contrasta com a “claridade / Astral / Dum poema perfeito”, pois tudo se esfuma ao nascer do dia, e perde-se a matéria do poema, ficando a alma “Só de bruma lembrada!”

O enigma que o poeta focaliza no texto “A esfinge” (Ibidem, p. 170) é o de si mesmo. Decifrá-lo é morrer, tendo-o compreendido com a vida. Alguns conceitos registram-se: “O enigma sou eu”; “Quem se decifra / Dita a sentença. / No caminho de Tebas principia a morte.” O poema possui valor ontológico na medida em que, ligado à lição da Mitologia, recapitula a vida como em “Vigília”, (Ibidem, p. 164) tenta seguir o ensinamento *Nosce te ipsum*, e penetra a compreensão do Ser-para-a-morte.

A frustração amorosa pela tardança da primavera, que não frutificou – eis o tema do texto “Frustração”, (Ibidem, p. 183) cujo sentimento faz coro com o de outros poemas como “Queixa”, (Ibidem, p. 129) inseridos num dos três últimos volumes do *Diário*, registradores estes dos últimos anos de vida do poeta. Só que no presente poema, como em alguns outros, a decepção prende-se especificamente ao sen-

timento do amor: “Foi bonito / O meu sonho de amor.” Mas segue-se as metáforas e a metonímia impregnadas de desencanto: “Só que não houve frutos / Dessa primavera. / A vida disse que era / Tarde demais.” (Ibidem)

Saboreemos o último poema do volume, “Esperança” (Ibidem, p. 195) transcrevendo-o na íntegra:

*O poema quer nascer das trevas.
Está nas palavras, e não as sei.
É como um filho que não tem caminho
No ventre da mãe.
Dói,
Dói,
Mas a negar-se teimosamente
A todos os acenos libertadores
Do desespero dilacerado.
No silêncio cansado
E paciente
Canta um galo vidente.
E diz que cada dia
Que anuncia
É sempre um dia novo
De renovo
E poesia.*

Trata-se de um metapoema. Como quase sempre acontece no fim de cada volume do *Diário*, Miguel Torga faz a esperança dialogar com o desespero e, como temos visto, em geral aquela leva vantagem em relação ao outro. O primeiro movimento do poema constrói-se com a própria negação de êxito no poetar. O primeiro verso valoriza-se com a metonímia e a metáfora. O segundo verso lembra a luta com as palavras focalizada em conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade.⁵ Um símile preciso encontra-se a seguir. Registre-se a metonímia em “acenos libertadores” e a hipálage do nono verso.

O segundo movimento do texto é introduzido por hipálages, seguidas de prosopopéia. Mas a própria voz do poeta está simbolizada

por esse galo profeta. Tudo o mais do poema valoriza-se com a prosopopéia. Escusado afirmar que a identificação de conotações prende-se ao intuito de salientar a poeticidade do texto.

Registrem-se pontos destacáveis da prosa do presente volume. Primeiramente, o prefácio à tradução inglesa do romance *Vindima* (Ibidem, p. 98-99), em que se lê: “Vais ler um livro que eu hoje teria escrito doutra maneira”. É que, como explica, o Doiro de agora, ambiente do romance”, está em vias de mudar”. Acha o escritor que “conhecer” os problemas sociais do passado “ajuda às vezes entender o presente”. Quanto ao “aspecto puramente literário e artístico da obra”, deixa-o ao julgamento do leitor.

Bela página de prosa poética a que escreve em Coimbra, a 19 de julho de 1988, (Ibidem, p. 123-124) sobre o que chama de “ritual” do açafão: o colher de manhã uma “arranca de açafão num pé que trouxe das minhas fragas e que prosperou neste saibro coimbrão” e levá-la para o consultório. Compara-a às *madelaines* de Proust, cujo sabor, quando molhadas no chá, evocava Combray ao memorialista francês.

Considera Torga que a arranca de açafão é um “talismã aromático” que o faz transportar-se a Trás-os-Montes, ganhando com isso o médico e o poeta, pois lhe “avisa o faro clínico ou retempera a inspiração.” (Ibidem, p. 124)

Depara-se, à página 130, com um pronunciamento importante sobre o *Diário*, considerando o poeta as lacunas próprias do gênero, a circunstancialidade deste e, particularmente, a influência inspiradora da circunstância. Confessa: “Sou poeta circunstancialmente e cronista eventual dos meus estados de alma”. E acrescenta: “nunca escrevi uma linha sem ser mandatado. Como homem de letras fui sempre um possessor.”

Digno de nota o pronunciamento da p.136 à p.139 sobre os valores históricos e perenes de Portugal, para um “roteiro francês” a respeito do país, meditação em que se lê: “Há nações que nascem feitas e nações que se fazem. Portugal é das que se fizeram”. Verifica-se nas palavras de Torga um resumo feliz, cheio de espírito telúrico e veracidade sobre a “realidade” e a importância de sua pátria em si e perante o mundo.

O denodo e a pertinácia de Sísifo que se acham no poema “Esperança” (Ibidem, p. 195), o último do volume, já está magnificamente expresso no que escreve o poeta em S. Martinho de Anta, a 26 de março de 1988, (Ibidem, p. 99-100) lendo-se estas palavras entre ou-

tras do registro desse dia: “quero chegar ao fim conciliado comigo e com a natureza, poeta, de cara levantada, sem me render, como sempre vivi.” Esse desejo constitui o pivô da angústia de Miguel Torga nos três últimos volumes do *Diário*, desejo que encontra sempre como forças antagônicas as impossibilidades da doença que vai minando a vida do poeta, sublinhando-lhe a consciência existencial de Ser-para-a-morte.

O volume XVI do *Diário* de Miguel Torga concentra toda a angústia do poeta diante da morte que se aproxima, toda a sua consciência do fim, que vem agravando-se desde o volume XIV. Nos poemas e em algumas páginas de prosa da coletânea em foco não só se intensifica essa certeza, como também se assiste à relutância sisífica da natureza do poeta em face da extinção do existir, apegando-se à vida num ferrenho desafio, numa luta diuturna e desmedida, embora ultimamente fosse perdendo as forças e conscientizando que era inútil opor-se à lei universal da ceifeira funesta.

Seguindo os nossos critérios de avaliação estética e crítica desde o vol. I do *Diário*, dos vinte e cinco poemas do presente volume destacam-se dezenove, que trazem os seguintes títulos: “Poético”, “Confronto”, “Limite”, “Bilhete”, “Último Natal”, “Arritmia”, “Cordial”, “Assunção”, “Páscoa”, “Folhinha”, “Catequese”, “Solidão”, “Confidencial”, “Absolvição”, “Prenda de Aniversário”, “Armadilha”, “Expiação”, “Termo”, e “Requiem por Mim”.

“Aqui começa a nova caminhada. / Se a levar ao fim, darei louvores a Deus”- lêem-se esses versos no poemeto “Pórtico”, (*Dr-XVI*, p. 9) do que se deduz que o poeta refere-se à composição da própria coletânea em pauta. A deferência a Deus não significa conversão, mas abrandamento da posição de blasfemo, confirmando-se a incerteza religiosa do autor, que se compara a seu Pai, em seguida, “ao despegar do dia ganho” e acrescenta uma referência à causa daqueles louvores: “ter acrescentado um palmo de ilusão ao meu tamanho”. Nessa sensorial união do concreto com o abstrato, já se encontra uma ponta de azedume realista de desencantado.

Confronto, (*Dr-XVI*, p. 15) poema seguinte, confronta a visão do menino com a do velho sobre as serras e os versos de ontem com os de hoje. O poema se enriquece com elipses verbais, símile, com o sensorial da união entre o concreto e o abstrato, hipálages e metonímias. O desencanto permanece: “Serras dos meus poemas/Malogrados”. Mas

a resistência impõe-se: Ecos rasteiros de uma voz erguida. / Balbúcios de candura/ Na memória dorida/ Que, teimosa, os murmura.”

A beleza do poema telúrico “Limite” (Dr-XVI, p. 29) exige a transcrição deste na íntegra:

*Pátria até que os meus pés
Se magoem no chão.
Até que o coração
Bata descompassado.
Até que eu não entenda
A voz livre do vento
E o silêncio tolhido
Das penedias.
Até que a minha sede
Não reconheça as fontes.
Até que seja outro
E para outros
O aceno ancestral dos horizontes.*

O poema, cheio de um ardor patriótico exemplar, constrói-se com uma concepção existencial apreciável. O limite do título não se refere à circunscrição territorial da pátria mas ao tempo vital do poeta, de tal modo que no texto a dimensão temporal e psicológica do autor é que delimitará a pátria para ele. A expressão “até que” grafada, anaforicamente, cinco vezes enfatiza a idéia de limite do tempo da pátria para o autor. Os dois primeiros versos referem-se ao futuro cansaço do andarilho. Os dois subseqüentes ligam-se à idéia de esperada falência do órgão vital. Os quatro versos seguintes, ilustrados por prosopopéias, sugerem uma possível futura inconsciência senil do poeta. A metonímia encontrada a seguir insinua a previsão de esquecimento ou insensibilidade decrépitas do autor. No último segmento, formado de três versos em que se insere uma prosopopéia, compõe-se uma situação ambígua e subjetiva, em que possivelmente se prevê a modificação da antiga essência da pátria e, com certeza, a ausência do poeta.

“Bilhete” (Ibidem, p. 45) traz a valorização do amor de ação, da fala do silêncio significativo: “Que te baste o silêncio/ Dum poeta

ardente,/ Que sempre naturalmente, / Foi além das palavras/ do amor, amando.” O próprio ato em geral coloca-se acima das palavras, seguindo o conceito tautológico e filosofante: “a verdadeira vida vive-se a viver.”

A consciência da aproximação da morte está insinuada no próprio título do poema “Último Natal”. (Ibidem, p. 52) Observa-se, junto à apóstrofe inicial ao Menino Jesus, uma situação em que se colocam antiteticamente as duas personalidades que se defrontam: “Menino Jesus, que nasce/ Quando eu morro/ E trazes a paz/ Que eu não levo”. O poeta chega à conclusão, com inusitada humildade, de que o poema que deposita aos pés do Menino é “mais uma vez” “Como um tição”/ Apagado/ Sem calor que os aqueça.” E verifica-se o reconhecimento da divindade de Jesus e da humanidade do poeta num modo de paradoxalmente este se desculpar, isto é, com desilusão, pois, aludindo ao dito poema, Torga escreve: “Com ele me desobrigo e desengano:/ És divino, e eu sou humano, / Não há poesia em mim que te mereça.”

A partir do conceito “A vida é lenta quando a morte tem pressa”, que já assinala um descompasso, decorre o poema “Arritmia”. (Ibidem, p. 56) Após metonímias envolvendo o corpo e o coração, ocorre uma repetição significativa do ritmo do órgão em arritmia: “Diz que não, diz que não”. Em “Extrema unção”, (CA, pp. 80, 81) o “Metrónimo da vida” é advertido a não perder o compasso e, no presente texto, o coração reluta, descompassado, numa “cega obsessão” em não aceitar o fim do sofrimento físico pela morte, e fica “A baralhar o tempo em cada pulsação/ Como um relógio que endoideceu.”

Leiamos “Cordial”, (Ibidem, p. 60) um poema de animação diante do desfalecimento do autor pela doença, e que se contrapõe ao sentido de “Termo”, (Ibidem, p. 189) espécie de palinódia da composição em estudo pelo desencanto ou tom de desistência, e que será depois focalizada:

*Não pares coração!
Temos ainda muito que lutar.
Que seria dos montes e dos rios
Da nossa infância
Sem o amor palpitante que lhes demos
A vida inteira?*

*Que seria dos homens desesperados,
Desamparados
Do conforto das tuas pulsações
E da cadência surda dos meus versos?
Não pares!
Continua a bater teimosamente,
Enquanto eu,
Também cansado
Mas inconformado,
Engano a morte a namorar os dias
Neste deslumbramento,
Confiado
Em não sei que poético advento
Dum futuro inspirado.*

O nome intitulado desse poema apresenta-se significante pela ligação etimológica com a palavra “coração”, ambos provindo da raiz latina *cor, cordis*. O texto de fato constitui metaforicamente um cordial que reanima o coração, a quem o poeta se refere mediante uma após-trofe metonímica. Destaquemos as expressões ou versos que valem por *sememas*, que resultam no *sema* da animação, envolvendo o espírito sisífico com uma dicção exortativa: “Não pares”; “Temos ainda muito que lutar”; “Não pares!”; “Continua a bater teimosamente”.

Apontam-se os motivos da resistência: o amor telúrico e a solidariedade humana, que se lêem nas entrelinhas de versos plenos de afetividade. À situação de alquebrado opõe-se a inconformação. E nos últimos cinco versos, o poeta confessa o cultivo da ilusão, sugere o estranhamento poético através da palavra “deslumbramento” e deixa-se levar por uma inexplicável (“não sei que”) esperança, sempre impulsio-nada por uma aura poética.

Em “Assunção” (Ibidem, p. 64) considera o poeta que o sofrimento é próprio do homem, animal pensante: “O tributo dos bichos que ajuízam.” Focaliza-se o “princípio”, o intervalo” e o “fim” do sofrimento. Compreende-se, diante deste, que a evasão poética é uma sublimação. O poeta, “Rouxinol nocturno”, a cantar no intervalo “O pasmo do princípio/ E o terror do fim”, é “sempre alma penada/ Au-

reolada/ Da graça de viver e ser assim.” A “assunção” está nesses dois últimos versos do poema, que pode ter este *trans-modelo* do seu *entre-texto*: A compreensão de transcendência do sofrimento através da Poesia.

“Páscoa” (Ibidem, p. 67) exprime o desejo do poeta de ressurgir com a natureza primaveril: “Ah, quem pudera/ Ser de novo/ Um dos felizes/ Desta aleluia!/ Sentir no corpo a ressurreição./ O coração,/ Milagre do milagre da energia,/ A irradiar saúde e alegria/ Em cada pulsação.” A força natural da primavera é que é valor de transformação, o qual o poeta almeja para si. O poema representa uma réplica humana à comemoração religiosa da Páscoa, e impõe uma autotextualidade com “Aleluia”, (*Lb*, p. 66) em que, acreditando na força natural da primavera e desafiando a sobrenatural, nega o milagre da ressurreição de Jesus: “Não foi milagre ressurgir, Senhor, / Num dia natural de primavera.”

Articula-se com “Páscoa” o poema “Folhinha”, (*Dr-XVI*, p. 75) em que o paladar, a visão e a audição não sabem usufruir a primavera, que chega “insidiosamente”. Lê-se: “O mundo envelheceu nos meus sentidos./ E só por eles o amei, /Quando, iludidos, /Mo revelaram como ainda o sei.” O texto expressa uma reflexão desiludida, fundamentada na experiência sensorial ante a primavera, dissonante para o espírito desanimado do poeta.

Metapoema de réplica religiosa, resultado de uma religião individual, “Catequese” (*Dr-XVI*, p. 120) constitui uma peça reveladora em seus poucos versos, de várias facetas da identidade poética de Miguel Torga:

*Reza comigo, se te queres salvar.
Deus é pura poesia,
E o poema uma humilde petição
No templo sacrossanto da eternidade.
Reza comigo, a ler-me e a memorar
Os versos que mais possam alargar
O teu entendimento.
De ti, do mundo e do negro inferno
De cada hora.
Purificada neles, terás então
No coração
A paz aliviada que te falta agora.*

Nesse metapoema está a valorização do espírito poético, a concepção da poesia como luz, isto é, do seu *docere* (do v. sexto ao nono), a recorrência ao exortativo e a compreensão de salvação e paz naturalmente dentro daquela mística de humanização, por nós estudada em nossa tese universitária. Com o verso de metáfora conceitual “Deus é pura poesia”, isto é, mera poesia, Torga dessacraliza a Deus e idolatra a Poesia. Respeitar a divindade seria declarar simplesmente: Deus é poesia. Ilustram o poema ainda as metáforas dos versos terceiro, quarto e oitavo.

A segregação imposta pela velhice está em “Solidão”. (Ibidem, p. 131) Aliada a isso, a situação de vivo morto, daí as metáforas e paradoxos dos versos: “Mortos sem ter morrido, / Lúcidos defuntos, / Vemos a vida pertencer aos outros.” Enquanto tal se apresenta, o valor sensorial da união do concreto com o abstrato se nos oferece nesta concepção: E termina o poema com estes versos estruturados com metáforas antitéticas que opõem os dias de glória de ontem aos de decepção de hoje: “E que tudo o que em nós era claridade / Se transformou em bruma.”

No poema intitulado “Confidencial”, (Ibidem, p. 142) parece repetir-se a situação de vivo morto do poema anterior, mas dá-se o contrário, pois a força da ressurreição supera a morte: “E morro, antecipadamente / Ressuscitado.” Esses versos confirmam a idéia expressa em “Pacificação”: “Já morto antes da morte, vivo ressuscitado”. (OR, p. 38) Mas o ponto principal da confidência do poema encontra-se aqui: “E na minha mudez / Aprende a adivinhar / O que em mim não possas entender.” Esse convite do poeta à pessoa confidente para que esta saiba ler o seu silêncio constitui um apelo para que a intuição dessa pessoa, através dos gestos dele ou das entrelinhas do seu texto, entenda a sua mensagem. Adivinha-se que esta, diante da “palavra”, que “É o orgulho do silêncio envergonhado”, surge de um contexto doloroso com sentimentos inconfessáveis. Daí só restar à pessoa íntima ou ao leitor “adivinhar” isto é, decifrar o enigma do poeta e daí a exortação: “Sem nada perguntar, / Vê, sem tempo, o que vês / Acontecer.”

Belo, o poema “Absolvição” (*Dr-XVI*, p. 146) merece ser transcrito na íntegra:

*Incendei-me ainda os beijos que me não deste
 E cegam-me os acenos que me não fizeste
 Da janela irreal onde o teu vulto
 Era uma alucinação dos meus sentidos.
 Mas, decorrida a vida, e oculto
 Nestes versos doridos,
 A saber que não sabes que te amei
 E cantei,
 E nem mesmo imaginas quem eu sou
 E como é solitária e dói a minha humanidade,
 Em vez de te acusar
 E me culpar,
 Maldigo o arbítrio da fatalidade
 Que cruelmente nos desencontrou.*

Trata-se evidentemente de um caso de desencontro com a mulher ideal que não existiu, pois era vista, conforme estes versos enriquecidos por uma metáfora e uma metonímia: “Da janela irreal onde o teu vulto / Era uma alucinação dos meus sentidos”. Nos dois primeiros versos ocorre o processo da “presença da ausência”, próprio da poesia pura de Mallarmé. A hipálage ilustra a expressão “versos doridos”. Configura-se no texto o tema que se aproxima do que se acha no célebre soneto de Félix Arvers. Conotados por metonímia são ainda os versos décimo e os dois últimos. E a absolvição do título justifica-se com os versos décimo primeiro e décimo segundo, a qual se contrapõe à maldição do penúltimo verso.

“Prenda de aniversário” (Ibidem, p. 153) é o mais longo poema do volume em estudo, com vinte e sete versos. Trata-se, talvez, do oferecimento de uma coleção de poemas amorosos sobre a vida a dois, semelhando um álbum de fotografias documentadoras de instantes dessa vida, enfim uma prenda desse teor oferecida à mulher do poeta por ocasião do aniversário dela: “É o que ficou e ficará, Mulher.” O significado desse poema estabelece uma autotextualidade com os poemas “Espólio” (*Dr-XV*, p. 88) e “Legado” (Ibidem, p. 97) e constitui o último poema lírico-amoroso escrito por Miguel Torga. O seu intenso sentimento ofertante e elegíaco valorizado por numerosas conotações pede-nos sua integral transcrição para um exame detalhado:

*É o que ficou.
A lembrança perene
Do que fomos, sentimos e pudemos
No tempo intemporal da juventude.
Ilusões de energia e de saúde
Em cada gesto que já não fazemos,
Mas apetecemos.
É o vazio de nós
Cheio de nós.
As indeléveis pegadas que deixamos
Nos líricos caminhos percorridos
Invisíveis à vista desarmada.
É o que ficou. O calor memorado
Da fogueira apagada.
Todos os Orientes da imaginação,
Visitados,
Presentes no arroz quotidiano
Comido destramente
Com triviais tridentes
Ocidentais.
É o que ficou e ficará, Mulher.
A cinza destes versos invernais
De amor e de tristeza
De que é tudo verdade
O que de nós disser
A mudez da saudade.*

A concepção do objeto representando, por uma relação de contigüidade, os sentimentos, os gestos, os lugares constitui, em todo o poema, uma expressiva metonímia, a partir do verso “É o que ficou”, encontrado com ênfase três vezes no texto. Assinalemos os detalhes disso que ficou “e ficará”, uma espécie de desenvolvimento da metonímia inicial. Isso se encontra nos seguintes passos: “A lembrança perene/ Do que fomos, sentimos e pudemos; “Ilusões de energia e de saúde”; “o vazio de nós/ Cheio de nós” (aqui ocorrendo também paradoxo); “As indeléveis pegadas”; “O calor memorado”; “Todos os

Orientes da imaginação, / Visitados”; “Presentes no arroz quotidiano”; “A cinza destes versos inverniais”(aqui também se achando sinestesia audio-visual); “a íntima certeza”. Numa outra dimensão, o último verso ainda traz metonímia: “A nudez da saudade”. Assinale-se o oxímoro do quarto verso, o paradoxo entre os dois derradeiros versos e as metáforas dos versos treze, catorze, dezenove e vinte. Sente-se que a poeticidade do texto intensifica-se com a abundância das conotações identificadas.

Focalizemos particularmente a subjetividade metafísica dos versos décimo, décimo primeiro e décimo segundo, e consideremos que “as pegadas” são “Invisíveis à vista desarmada” da sensibilidade poética, platônica e memorialista, o que não é o caso do poeta e sua amada.

“Armadilha” (Ibidem, p. 163) apresenta um instrumento metafórico e em todo o poema predominam as metáforas. Trata-se da armadilha do sonho irrealizado, gerando a dispersão e a consciência de frustrado: “A que alturas celestes quis subir! / A que lonjuras ir! / E não subi, nem fui, nem certamente vou.”

Também em “Expição” (Ibidem, p. 178) predominam as metáforas, que chegam a formar alegoria. Constitui a queixa que o poeta formula de alguém por desprezá-lo, não lhe acudindo ao apelo: “Nunca me respondeste, quando te chamei, / E só Deus sabe como era urgente e aflita / A minha voz!” A idéia de expiação está por conta da concepção que tem o autor de ser “náufrago”, sendo um dos poetas, “Humanas heresias”, a afogar-se “No tormentoso mar dos seus pecados” e um “pesadelo” para esse alguém que “nada podia”.

Espécie de palinódia do poema “Cordial” (Ibidem, p. 60) como afirmamos antes, é a peça intitulada “Termo”. (Ibidem, p. 189) Enquanto Torga, imbuído ainda de uma energia desafiadora, adverte ali, em 30 de janeiro de 1991, “Não pares, coração!” (Ibidem, p. 60) quase três anos depois, a 3 de novembro de 1993, ordena num poema cheio de desengano: “Pára, imaginação!” (Ibidem, p. 189) Cabe aqui uma intertextualidade com estes versos de Álvaro de Campos no poema “Aniversário”: “Pára, meu coração! / Não penses! Deixa o pensar na cabeça!”⁶ Também o verso torguiano lembra aqueles com que Camões susta a inspiração: “Nô-mais, Musa, nô-mais, que a Lira tenho / Destemperada e a voz enrouquecida, / E não do canto, mas de ver que venho / Cantar a gente surda e endurecida.”⁷

Nesse penúltimo poema do *Diário* de Miguel Torga, o poeta tem nítida a consciência do fim, daí o motivo de deter a imaginação e com a ênfase da anáfora. Depois da apóstrofe do primeiro verso, lê-se: “Não há mais aventura, nem poesia. / A hora é de finados, / Com versos apagados / Na lareira onde a fogueira ardia.” As metáforas dos dois derradeiros versos dizem bem do fogo morto do desencanto do autor. Na segunda estrofe, a “memória teimosa [...] entristece / O nada que acontece / E o muito acontecido.” Na terceira estrofe, constata o poeta que “findou / O tempo intemporal / Do amor e da graça”. A esse mesmo “tempo intemporal” refere-se em “Prenda de aniversário”. (*Dr-XVI*, p. 153) Ora, a vida em amor e graça é intemporal para o que a cria poeticamente como uma eterna juventude e, para Torga, já não existe esse tempo, porque acabou a poesia.

Chegamos ao último poema do *Diário* e talvez o último escrito pelo poeta. Chama-se “Requiem por mim” (*Ibidem*, p. 201) e constitui na verdade uma página fúnebre:

*Aproxima-se o fim.
E tenho pena de acabar assim,
Em vez de natureza consumada,
Ruína humana.
Inválido do corpo
E tolhido da alma.
Morto em todos os órgãos e sentidos.
Longo foi o caminho e desmedidos
Os sonhos que nele tive
Mas ninguém vive
Contra as leis do destino.
E o destino não quis
Que eu me cumprisse como porfieí,
E caísse de pé, num desafio.
Rio feliz a ir de encontro ao mar
Desaguar,
E, em largo oceano, eternizar
O seu esplendor torrencial de rio.*

Trata-se de uma elegia, que apresenta, dentro dos parâmetros da teoria portelliana,⁸ este possível *trans-modelo* do *entre-texto*: Lamento por não se cumprir no fim o desafio e a transfiguração almejados. O poeta sente-se metaforicamente uma “Ruína humana” e é evidente a sua frustração final, pois “o destino não quis / Que eu me cumprisse como porfiei, / E caísse de pé, num desafio.” E a transfiguração que não se efetiva e está aludida nos quatro últimos versos relaciona-se autotextualmente em sua imagística com os versos de “Estuário”, (Ibidem, p. 203) alguns de “Ampulheta” (Ibidem, p. 115) e esta estrofe de “Extrema unção” (CA, p. 80-81): “É calmo que na foz da perdição / O rio enfrenta as ondas e mistura / A lírica doçura / À trágica e salgada imensidão.” Mas a consciência de Ser-para-a-morte deste poema de *Câmara ardente*, concebido com o ânimo de quem espera vencer a morte (“Só há sono perfeito no regaço / Da morte que primeiro foi vencida”), (Ibidem) não coincide com o desalento dos demais poemas há pouco citados.

Sublinhemos alguns pontos da prosa do *Diário XVI*.

Em 23 de novembro de 1990 o poeta registra palavras pronunciadas no Instituto alemão, em agradecimento pela edição alemã de alguns livros seus. (Cf. Ibidem, p. 38-41) Torga exprime o sonho de o seu canto “ecoar para além das fronteiras que o limitam” apesar de ser um “pobre poeta de qualquer S. Martinho de Anta”. E termina externando o “júbilo” por “tantos amigos” suavizarem o “cepticismo melancólico de um velho poeta que nunca foi um autor feliz. Que nunca se sentiu cumprido em nenhuma das inúmeras páginas que escreveu”. A atitude torguiana revela a natural ânsia de perfeição do artista verdadeiro, aliada à reflexão de uma exigente autocrítica.

Datada de Sabrosa, onde estive a 27 de junho de 1991 para participar da inauguração de um bronze em homenagem ao transmuntano Torga, é o que se lê em cerca de quatro páginas, em que o poeta confessa considerar que sua “verdadeira imagem” está nos livros que escreveu, mas acaba afirmando: “Com o meu rosto, ficam memorados no monumento que a perpetua, todos os transmuntanos.” (Ibidem, p. 88)

Registros interessantes encontram-se às páginas 61-62, 89 e 183-184, respectivamente sobre um texto do poeta no exame vestibular português, as reações dele como médico recebendo uma transfusão de sangue e uma surpreendente confissão de cristandade sobre São Francisco de Assis, aparentemente contraditória diante de reações outras da obra do autor, que se declara “devoto” do santo, “único homem da Criação que na terra se mediu naturalmente com a grandeza de Cristo”. Mas nega ainda a dimensão eterna da perspectiva cristã, além da Terra, acrescentando: “que teve e tem o seu reino aqui, neste nosso vale de lágrimas, onde reinou e reinará pelos séculos dos séculos”.

Uma reflexão sobre o *Carpe diem* de Horácio: “Foi-nos recomendado, e bem recomendado. Mas o talvez mais clarividente alerta que em todos os tempos um poeta nos fez, não teve, nem tem, ouvidos capazes de o ouvir.” (Ibidem, p. 185) Esse registro do dia 21 de outubro de 1993 -, antecedido da exposição da pena de irmos para a sepultura sem nos realizarmos, no que lembra o poema “Remorso”, de Olavo Bilac -, é seguido por uma reflexão sobre a morte, escrita no dia seguinte, e na qual o escritor apresenta um pequeno inventário da vida, assim o concluindo: “e chego ao fim sem me sentir cumprido, mas de boa consciência.” (Ibidem, p. 186)

Quanto à União Européia, julga que os portugueses vão “beber champanhe comprometidamente, como parentes pobres numa boda de nababos”. (Ibidem, p. 187) Apesar do autor aí dar vasão à sua índole de insatisfeito, sabe-se que não está sozinho na opinião que de modo cáustico expressa.

O que escreve o poeta a 10 de novembro de 1993, por um lado lembra a lição do *Nosce te ipsum*, pelo qual se deve entender que o conhecimento do Ser é um eterno projeto ou um eterno buscar (“Vou deste mundo farto de o conhecer e faminto de o descobrir” – o tédio opondo-se à curiosidade), por outro lado, ao fim do texto, mostra que o mesmo poeta surpreende-se porque as aparências enganam.

CONCLUSÃO

Não obstante o desaguar do rio no poema “Requiem por mim” (Ibidem, p. 201) não se cumpra num desafio, o registro em prosa, es-

crito no dia anterior, 9 de dezembro de 1993, afirma sobre o último volume do *Diário* uma atitude de altivez: “Mais do que páginas de meditação, são gritos de alma irreprimíveis dum mortal que torceu mas não quebrou, que, sem poder, pôde até à exaustão.”(Ibidem, p. 199) E conscientiza Miguel Torga as suas virtudes: “De alguma coisa me hão de valer as cicatrizes de defensor incansável do amor, da verdade e da liberdade, a tríade bendita que justifica a passagem de qualquer homem por este mundo.”(Ibidem, p.200) E, apesar do tom elegíaco do poema supracitado, em seu desaguar, o rio chamado Miguel Torga mostrou “seu esplendor torrencial” (Ibidem, p. 201) eternizando-se como uma das mais autênticas vozes de homem e de poeta na poesia portuguesa do século XX.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Damaso. Poesia espanhola: ensaio de métodos e limites estilísticos. Tradução de Darcy Damasceno. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1960.

AUGUSTO, Armindo. O drama de Miguel Torga. Braga: Franciscana, 1960.

BLOOM, Harold. A angústia da influência: uma teoria da poesia. Tradução de Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: 1991.

BOUSOÑO, Carlos. Teoría de la expresión poética. 4. ed., Madrid, 1966.

CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de arte poética. São Paulo: Cultrix, 1978.

CAMUS Albert. O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Livros do Brasil [s.d.].

COELHO, Jacinto do Prado. Casticismo e humanidade em Miguel Torga. In: _____ Ao contrário de Penélope. Lisboa: Bertrand, 1976.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução de MF. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FIGUEIREDO, José. *Dicionário de mitologia*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução de Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988. 2v.

_____. *Introdução à metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HERRERO, Jesús. Miguel Torga: poeta ibérico. Lisboa: Arcádia, 1979.

JENNY, Laurent. *Intertextualidades. Poétique: revista de teoria e análise literária*, n. 27. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LINHARES FILHO. *O poético como humanização em Miguel Torga*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1997 [Prêmio Estado do Ceará].

LOURENÇO, Eduardo. *O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações*. Coimbra: Coimbra Ed., 1955.

MELO, José de. Miguel Torga. Lisboa: Arcádia, 1960.

MOISÉS, Massaud (Dir. e Org.). *Literatura portuguesa moderna*. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1974.

LOURÃO-FERREIRA, David. Poética e poesia no Diário de Miguel Torga. Colóquio/Letras. Lisboa, 43: 7-19, maio, 1978.

PORTILLA, Eduardo. Fundamento da investigação literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

REYES, Alfonso. La experiencia literaria. Buenos Aires: Editorial Losada, 1952.

ROCHA, Clara Crabbé. O espaço autobiográfico em Miguel Torga. Coimbra: Almedina, 1977.

SARTRE, Jean-Paul e **FERREIRA**, Vergílio. O existencialismo é um humanismo. Lisboa: Presença, 1978.

SIMÕES, João Gaspar. História do movimento da Presença. Coimbra: Atlântica [s.d].

TORGA, Miguel. O outro livro de Job. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1958.

_____. Lamentação. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1970.

_____. Libertação. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960.

_____. Odes. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1956.

_____. Nihil sibi. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1975.

_____. Cântico do homem. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1974.

_____. Penas do purgatório. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1976.

_____. Orfeu rebelde. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1970.

_____. Câmara ardente. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1962.

_____. Poemas ibéricos. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1965.

_____. Diário I. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1967.

_____. Diário II. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1977.

_____. Diário III. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1973.

_____. Diário IV. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1973.

_____. Diário V. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1974.

_____. Diário VI. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960.

- _____. Diário VII. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1961.
- _____. Diário VIII. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1976.
- _____. Diário IX. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1977.
- _____. Diário X. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1968.
- _____. Diário XI. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1968.
- _____. Diário XII. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1977.
- _____. Diário XIII. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1983.
- _____. Diário XIV. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1987.
- _____. Diário XV. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1990.
- _____. Diário XVI. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.